

TRANSDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: RESSIGNIFICANDO A HORA DO LANCHE.

Ana Carolina M. C. Alvarenga¹ (UEG)

Carla Conti de Freitas² (UEG)

GT1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo

O presente artigo apresenta um novo olhar voltado para a hora do lanche nas escolas, trazendo em sua essência questionamentos acerca da repetição de práticas e posturas pedagógicas que se repetem e que são muitas vezes vazias de significado e os frutos que a mudança destas práticas pode trazer. Novas práticas fundamentadas em conceitos da transdisciplinaridade e inspiradas em autores como Paulo Freire, Edgar Morin e Moacir Gadotti, entre outros, através da desconstrução e reconstrução de novos conceitos, abordagens e paradigmas. Este trabalho apresenta uma pesquisa-ação cuja educadora ao início da pesquisa é totalmente diferente da que se encontra no final do processo de reflexão e mudanças na própria prática, entendendo a constante e contínua formação do educador e do ser humano.

Palavras-chave: paradigma, transdisciplinaridade, formação de professor.

Introdução

A maioria das escolas nos dias de hoje ainda estão presas a paradigmas tradicionais, por meio da fragmentação das disciplinas, isolando os conteúdos do contexto do aluno, onde o professor se coloca como detentor do saber e o aluno apenas receptor desse processo, através da educação bancária (FREIRE, 2004). Juntamente a esse movimento está emergindo um novo paradigma em que o professor e o aluno são protagonistas na construção do saber, em uma via de mão dupla, professor e aluno aprendendo e ensinando, ensinando e aprendendo, fazendo a contextualização dos conteúdos e religando os saberes (MORIN, 2000) em prol de

1 Profa. Ana Carolina M. C. ALVARENGA, Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: acmc1986@hotmail.com

2 Profa. Dra. Carla Conti de FREITAS, Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: carlacontif@gmail.com



399

uma educação integral, compreendendo a integralidade do sujeito, adotando conceitos da transdisciplinaridade, tais como a reflexão dos conceitos pré-estabelecidos; o questionamento das verdades absolutas; a busca pela unificação do saber, etc. Segundo Ubiratan D'Ambrósio (1997, p. 80):

O essencial na transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais corretos. A transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude mais aberta, de respeito mútuo e mesmo de humildade em relação a mitos, religiões, sistemas de explicação e de conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência.

A pesquisa que motivou este artigo nasceu a partir dos questionamentos levantados nas aulas do curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação, da Universidade Estadual de Goiás, no Câmpus Inhumas. Até então, eu³ acreditava que minha única função como professora de inglês era transmitir conhecimentos relacionados a essa língua, nada mais. Acreditava piamente que ao trabalhar separadamente tal disciplina, despejando conceitos, regras e vocábulos eu estava sendo uma ótima profissional. O curso de pós-graduação me proporcionou um novo olhar em relação ao papel do educador. A princípio foi um choque, um misto de decepção, desconfiança, revolta e insegurança. Porém, passado este estado, foi impossível continuar agindo, pensando e ensinando da mesma maneira.

Muito do que somos como educadores é reflexo de quem somos enquanto sujeito e de como fomos educados, o que não foi diferente em relação a mim. Tive uma educação tradicional, rígida e fragmentada e esse movimento se repetia em minha prática educativa até o momento em que ingressei no referido curso de pós-graduação e passei a questionar o sentido da subjetividade do aluno.

No decorrer das aulas que assisti, algumas coisas geraram em mim inquietação e questionamento como a necessidade que a maioria dos professores, inclusive eu, tem de manter a disciplina, a ordem, o silêncio e, ainda, como automaticamente repetimos práticas e comportamentos já defasados. A questão que se apresenta é: será que realmente precisamos tão rigorosamente desses elementos para oferecer uma educação de qualidade? A partir deste questionamento, discorro o tema deste artigo no qual busco rever minha própria prática,

³ Para a escrita deste artigo, as autoras optaram pelo uso da primeira pessoa do singular por se tratar de uma produção referente à pesquisa sobre a prática pedagógica da primeira autora e por concordar que a narrativa reafirma a condição de sujeito, conceito importante em estudos com abordagem transdisciplinar.



400

propor um olhar diferente para práticas já cristalizadas e apresentar os resultados que buscam ilustrar uma mudança de paradigma.

Desta forma, o que pretendo apresentar neste artigo de conclusão do Curso de Pós-graduação *latu sensu* em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação é uma reflexão sobre a importância da mudança de paradigmas e como repensar e ressignificar uma prática pode nos trazer resultados melhores dos que as práticas repetidas ao longo do tempo. Para isso, descrevo e discuto uma ação pedagógica presente nas salas de aula, a partir dos pressupostos da transdisciplinaridade, tendo como referência teórica Morin (2000), Freire (2004), Gadotti (2003), entre outros. Espero que a reflexão sobre minha própria prática possa contribuir com outros educadores que, assim como eu, buscam ressignificar sua prática pedagógica diariamente, a fim de proporcionar um ensino mais humano e integral.

A escolha metodológica considera os pressupostos da pesquisa-ação, que prioriza a análise qualitativa e foi desenvolvida em uma sala de aula com 23 alunos do 2º ano do ensino fundamental 1, de idade entre 7 e 8 anos, da escola que aqui chamarei de Escola X, no mês de outubro do ano de 2016. O propósito principal foi modificar a rotina da hora do lanche. Esses relatos são referentes aos vinte minutos dedicados à hora do lanche, após as aulas de Língua inglesa da qual era professora. Se toda ação e todos os momentos dentro da escola são pedagógicos, como podemos ressignificar a hora do lanche?

Neste sentido, este artigo se organiza em cinco seções. A primeira seção se refere à introdução, abordando de forma geral o tema e objetivos deste artigo. A segunda seção é dedicada ao referencial teórico no qual menciono os autores Morin (2000), Freire (2004) e Gadotti (2003), apresentando duas subdivisões que abordam os conceitos de transdisciplinaridade, os sete saberes necessários à educação do futuro, a mudança de paradigmas, a religação dos saberes e a resignificação das práticas pedagógicas. A terceira seção, na qual apresento a metodologia deste trabalho, está organizada em três subseções onde discorro acerca do contexto da pesquisa, dos participantes e da caracterização da hora do lanche, considerando a minha história de vida e o despertar para a atitude transdisciplinar a partir da descrição e da análise dos cenários referentes a hora do lanche. Por fim, encerro com algumas considerações e indagações advindas deste trabalho.

2 Referencial teórico

Ao longo dos anos, vamos adquirindo uma bagagem de conhecimento que faz de nós quem somos. Todos e tudo contribuem para que a nossa mala aumente. Aquilo que aprendemos com nossos pais, na escola, na igreja, na rua, com os amigos, com a vida e por aí vai. Valores, ensinamentos e experiências que nos tornam seres únicos. Com o passar dos anos (de tempos em tempos) faz-se necessário abrir essa mala e analisarmos o que temos levado conosco.

Quando ingressamos na área da educação, mais especificamente na sala de aula, entramos esperando trabalhar com a sala de aula ideal, com alunos ideais; elaboramos assim planos de aula ideais maravilhosos e criamos uma expectativa enorme; esquecemos que o ideal é aquilo que pertence somente a nós; colocamos uma expectativa que também é nossa sobre os alunos reais, com salas de aula reais, com dificuldades e particularidades que não estavam no plano e a frustração é inevitável.

O número de educadores frustrados e doentes só aumenta. O ponto de partida, o começo para que esse quadro mude, seja trabalharmos com a sala de aula e o aluno que temos; adaptar o plano de aula, flexibilizá-lo de acordo com cada sala de aula e rever práticas que repetimos ao longo dos anos que já não se justificam mais, entendendo que cada turma e cada aluno responde de forma diferente. Talvez o problema esteja na forma como estamos “fazendo educação”. Se pararmos de projetar nossas expectativas e ansiedades sobre o aluno, as aulas fluirão no seu curso natural e o professor vai construindo suas aulas e se construindo neste processo, compreendendo a atualidade para trabalhar a realidade.

Para realizar este estudo, considereirei como suporte teórico os estudos de Edgar Morin e sua obra Os sete saberes necessários à educação do futuro (2000), Freire (2004) e Gadotti (2003) quando tratam dos conceitos de transdisciplinaridade e o papel do educador emergente.

2.1 Transdisciplinaridade

Um dos conceitos da transdisciplinaridade e que Morin aborda é ensinar a condição humana. Mas para ensinarmos a condição humana, primeiro devemos valorizar o ser humano



402

em sua subjetividade e levar isso em consideração dentro da nossa prática pedagógica, ensinando a compreensão e compreendendo ao mesmo tempo. Propagar a ideia da identidade terrena a fim de promover uma sociedade menos egocêntrica e egoísta, ajudando na formação de pessoas que visem o coletivo, a compreensão das individualidades e o comprometimento com o mundo no qual estamos inseridos, com o próximo e consigo. Para que uma nova geração de indivíduos éticos se levante, primeiro faz-se necessário uma mudança de pensamento no educador de hoje; que seja ético em sua postura e seus ensinamentos, redefinindo suas práticas pedagógicas, questionando suas verdades, formando e agregando novos conceitos.

Ensinar a condição humana na perspectiva do pensamento complexo diz respeito a entender o humano, compreendendo sua unidade na diversidade e vice-versa, sem que uma ideia apague a outra. Em outras palavras, é preciso conceber a unidade do múltiplo e a multiplicidade do uno. Trata-se de refletir sobre a complexidade humana, considerando os constituintes biológicos, psicológicos e socioculturais e essa reflexão implica em discutir a relação triádica entre indivíduo, sociedade e espécie humana. (SILVA E FREITAS, 2016, p.87).

As pessoas mudam, o mundo muda, os conhecimentos são atualizados e nós também devemos rever nossos conceitos, tanto pessoais quanto profissionais. As duas coisas não se separam, pois a pessoa que somos interfere diretamente no profissional que somos. Ao analisar a mala que trago comigo, percebi que levo para a sala de aula valores que podem ser melhorados para que minhas atitudes sejam mais produtivas, valorizando a transdisciplinaridade para agregar mais valores. A transdisciplinaridade não é uma questão de método e sim de atitude, é a junção de todas as ciências e conhecimentos em prol do ser para conviver. “A transdisciplinaridade, como o prefixo trans indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e mais além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente”. (NICOLESCU, 1999, p. 53).

De acordo com o paradigma vigente, o bom educador deve manter as crianças em silêncio, o professor deve saber tudo, pois ele detém o saber absoluto, discrimina e condena o erro e o aluno deve acumular o máximo de conhecimento possível. São muitos paradigmas a serem quebrados, pois o paradigma rege a maneira como pensamos e o modo como usamos a nossa lógica. Assim, concordo que “a educação atual necessita de reforma. Atualmente, ainda não se sabe ao certo quais paredes devam ser derrubadas, quais devam ser erguidas, o que de



403

antigo deve ser permanecer e o que de novo merece espaço”. (Morin, 2000, p. 41)

A passos pequenos o paradigma emergente vem ganhando força, lembrando que o paradigma emergente não existe se não houver comparação com o paradigma moderno. A transdisciplinaridade propõe isso: a inclusão ao invés da exclusão. Ao contrário do paradigma moderno vigente há uma ruptura do pensamento, onde o conhecimento surge a partir da interação e é compartilhado visando a construção do conhecimento e de novos conceitos. Nessa nova linha de pensamento, ninguém sabe tudo, sempre podemos aprender algo novo, visto que o conhecimento não é estático, ele muda e por isso deve ser ressignificado.

Paulo Freire (2004), em a Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, aborda a importância do educador formador adotar novas práticas pedagógicas e nova postura em relação aos alunos, a fim de colaborarmos no processo de autonomia e criticidade da aquisição do conhecimento e como é importante relacionarmos o conhecimento prévio do aluno e sua história de vida aos conteúdos ministrados, onde o próprio aluno fará relações e descobertas produzindo conhecimento significativo.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá. Quem acumula muita informação perde o cordão de adivinhar: divinare. Os sabiás divinam. (Manoel de Barros, 2000). Essa passagem foi uma das epígrafes no artigo de Silva e Freitas e as mesmas complementam: As epígrafes escolhidas para este capítulo, guardados os contextos em que foram produzidas, podem suscitar a reflexão sobre o distanciamento que existe entre aquilo que a escola ensina e a realidade da vida. Isso parece contribuir para reforçar a ideia de que a escola é um lugar preterido em relação a outras atividades oferecidas fora dela. (SILVA E FREITAS, 2016, p.80).

Freire (2016) também aborda a importância de formar cidadãos comprometidos com a realidade na qual estão inseridos, entendendo que o ser humano em sua totalidade necessita de uma educação mais humanizada e integral, para compreender o mundo e suas problemáticas. Moacir Gadotti (2003) citou uma mensagem deixada por um prisioneiro de campo de concentração nazista que me tocou profundamente como educadora e como ser humano:

Crianças envenenadas por médicos diplomados; recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas; mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades– ele pede aos professores que ‘ajudem seus alunos a tornarem-se mais humanos’, simplesmente humanos. E termina: ‘ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas’. (GADOTTI,



404

2003, p. 13).

Sendo assim, entendo que independente do conteúdo a ser ministrado, da especialidade do professor ou do momento, o professor tem o dever de direcionar a sua prática para utilidades planetárias e humanitárias, levando o aluno a refletir sobre sua existência, relação e importância para com o planeta e com as pessoas com as quais nele habitam. Gadotti (2003, p.46) discorre sobre a formação do professor e a construção da educação em sua obra dividida em sete capítulos que vão desde as mazelas de ser professor até a beleza e o papel fundamental de educar para a humanidade, “aprendendo com emoção e ensinando com a alegria” e essa leitura contribuiu significativamente para as decisões descritas neste artigo.

2.2 Os sete saberes necessários à educação do futuro

Os sete saberes necessários à educação do futuro de Edgar Morin e os conceitos da transdisciplinaridade nos inspiram a redefinir nossa prática pedagógica. Propondo um pensamento complexo e transdisciplinar sobre os saberes necessários para a educação do presente e do futuro, sobre os processos educativos, propondo uma mudança paradigmática, religando os saberes, ressignificando a prática pedagógica. Quando pensamos em pensamento complexo, transdisciplinar e em transformação da prática pedagógica devemos ter em mente a ressignificação dos conteúdos que ministramos, o quê, como e para quê ensinamos. Fazendo a religação dos conteúdos, os professores e suas disciplinas devem trabalhar juntos a mesma temática, dentro de suas competências e, acima de tudo, provocando inquietações nos indivíduos/alunos, mobilizando interesses coletivos planetários.

Para Morin (2000), complexidade significa aquilo que é tecido junto, são relações que tornam o conhecimento pertinente. Para ele, pensar complexo significa pensar fazendo relação entre o local e o global, o individual e o coletivo, questionando certezas para ampliar o conhecimento. O pensamento complexo é aquele que surge a partir das relações em seus múltiplos níveis, dimensões e possibilidades, dialogando com o universo para mudar as relações humanas e das humanas para com o universo.

Para um mundo em constante evolução e reconstrução, o profissional que tem para si



405

postura e verdades absolutas e irrefutáveis é um profissional cego e iludido, incapaz de explorar as múltiplas faces do conhecimento e infelizmente, priva seu aluno do mesmo. Preso a repetição de conhecimentos ultrapassados e que não condiz com a realidade do aluno, tal conhecimento não é pertinente e se faz desinteressante.

3. Metodologia e discussão

Como já mencionado na parte introdutória deste artigo, a escolha metodológica considera os pressupostos da pesquisa-ação e prioriza a análise qualitativa. O propósito principal foi modificar a rotina da hora do lanche. Os instrumentos de pesquisa foram os relatos da professora/pesquisadora no que se refere aos comportamentos, as falas, ações da própria professora e dos alunos no período do lanche. A análise dos relatos considerou os pressupostos da abordagem transdisciplinar, no que diz respeito à mudança de uma prática pedagógica já cristalizada para uma prática mais coerente com a abordagem transdisciplinar, já discutida nas referências teóricas deste artigo.

3.1 Participantes

Os participantes desta pesquisa foram os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental 1, de idade entre 7 e 8 anos, da Escola X e a professora de Língua Inglesa, pesquisadora e primeira autora deste artigo.

3.2 Contexto

Para conhecer o contexto no qual esta pesquisa se desenvolveu, apresento a minha história de vida, a relação dessa história com a experiência no curso de pós-graduação, entendido como formação continuada e a descrição das atividades, relacionadas ao período do lanche.

O relato da história de vida tem tido um papel muito importante em estudos baseados na abordagem transdisciplinar, pois traz à tona uma questão fundamental que se refere à constituição de sujeito e a construção profissional. Este tem sido um recurso bastante recorrente em estudos baseados na abordagem transdisciplinar. Para esta pesquisa, o relato da história de vida da pesquisadora contribui muito para a compreensão de como se deu na sua



406

prática a conscientização e atitude para uma mudança significativa na forma de ver uma situação comum na prática escolar que precisa ser revista e considerada nas decisões dos professores e das escolas.

O relato será reproduzido aqui na íntegra porque consideramos o processo descrito relevante para a compreensão da prática pedagógica da professora e contribui para a compreensão do que entendemos como mudança de paradigma.

3.2.1 História de vida

Indícios de que eu seria uma professora

Bem na virada do milênio no ano de 2000, mais precisamente 15 de janeiro de 2000, me mudei do sul do Pará para Inhumas, Goiás, a fim de continuar meus estudos; cursaria o 1º ano do ensino médio. Onde morava, Santana do Araguaia, o ensino médio não era autorizado pelo MEC, então sem ter mais opções, me mudei para Inhumas com minha irmã mais nova. Lembro que na época eu tinha 13 anos e minha irmã 12. Nossos pais ficaram no Pará e fomos morar com nossa avó paterna.

Meus pais sempre foram muito atentos quanto a minha educação e da minha irmã. Apesar de não terem terminado nem o ensino fundamental 1, sempre trabalharam muito em sua loja de roupas para que nós duas pudéssemos estudar nas melhores escolas. Nossa obrigação era sempre estar entre as primeiras da sala, e assim foi por muitos anos. Minhas notas sempre estavam entre as melhores da turma; era sempre elogiada para os meus pais e tinha uma preferência pela Língua Inglesa. Eu achava muito chique falar inglês. Mesmo sem me imaginar como professora, meus colegas de sala sempre iam a minha casa para que eu os ajudasse a estudar, pois tinha facilidade em explicar de um jeito que eles compreendiam melhor.

Apesar de ser uma boa aluna, sempre me cobrei muito. Tenho flashes de recordações de momentos em que quando eu não conseguia entender algo, chorava desesperadamente, talvez porque minhas professoras naquela época não fossem um poço de delicadeza. Lembro-me de chorar com dúvidas em matemática e minha professora tentando me explicar aos



407

berros, e de falar que arrancaria minhas orelhas se eu não aprendesse. Agora recordando parece cômico, mas na época eu morria de medo. Ela tinha um jeito bem bruto, mas depois de muitas lágrimas eu finalmente entendia e então ela me apertava forte e me abraçava. Apesar de ser um método meio torto, recordo esses fatos com certo saudosismo. Talvez porque minhas orelhas sempre ficaram bem grudadas na minha cabeça. Naquela época, era comum alunos inquietos e indisciplinados ficarem de joelho no milho ou de braços abertos no sol quente. Eu sempre fiz de tudo para que isso nunca acontecesse comigo, mas alguns colegas meus não tiveram a mesma sorte.

Minha vida escolar não mudou muito durante o ensino fundamental 2 também. Tive uma educação muito rígida; meu pai era muito conservador e não permitia que eu saísse de casa; raríssimas vezes eu tinha o seu consentimento, mas minha mãe e minha irmã deviam estar sempre ao lado. E foi assim até o dia que descobri que iria embora da cidade para poder estudar. Apesar de saber que isso aconteceria um dia, eu não imaginava que seria tão cedo. Meu chão tinha se abrido. E com 13 anos eu iria caminhar com as próprias pernas. Mas como diria Izabel Petraglia (2008, p.35): “É preciso conviver com a transitoriedade, com a incerteza, aceitando a imprevisibilidade como possibilidade real”.

Um mundo diferente

Ao chegar em Inhumas fui matriculada em uma escola pública, e por ter sido criada sempre tão presa, mais parecia um bicho do mato. Meu povo tem um jeito meio bruto de ser e isso faz parte de mim também. Se lá eu era a melhor aluna da sala, em Inhumas tive que me esforçar muito para não ser uma das piores. Eu já não tinha mais meus pais por perto, nós nos víamos a cada 3 meses. Mas de todas as matérias, não deixei de me destacar em línguas estrangeiras. E minha professora de espanhol, percebendo minha facilidade, me convidou para ser sua professora substituta. E durante o ensino médio todo, estava sempre a substituindo em algum lugar. Eu gostava de apesar de ser tão nova, aqueles alunos tão ou mais velhos que eu, logo aprendiam a me respeitar, sempre carreguei para a sala de aula meu jeitinho paraense de ser. Mesmo assim, não tinha me imaginado escolhendo a profissão de professora. Meu objetivo era medicina.



408

Caindo na real

Terminei o ensino médio no ano de 2002. Depois do primeiro vestibular, diminuí bastante minhas expectativas. E de medicina passei a tentar biomedicina, de biomedicina para turismo, de turismo para artes cênicas e depois de não passar nem em artes cênicas entrei em crise existencial. Eu simplesmente travava na hora das provas, e já não sabia mais o que fazer. Decidi então trabalhar mais. Eu trabalhava como professora de reforço, digitava documentos em um escritório e fazia artesanato para um hippie amigo meu vender. Fiquei seis meses só trabalhando e comecei a ficar com medo de esquecer tudo o que havia estudado e decidi que precisava fazer uma faculdade.

Em 2003, a Universidade Estadual de Goiás, unidade universitária de Inhumas, abriu edital para o vestibular. Resolvi fazer o vestibular, afinal de contas era uma universidade pública, e não teria gastos com o transporte já que o polo era na mesma cidade em que eu residia. Estudei e passei, e aquela paraensezinha que estava sempre entre os primeiros da sala, agora tinha passado em Letras, em uma universidade pública e classificada em sétimo lugar. Meus pais ficaram muito felizes com essa conquista. E com 17 anos entrei enfim na faculdade.

Os planos mudam

Mesmo cursando um curso de licenciatura, ainda não estava nos meus planos ser professora. Meu objetivo era não ficar parada, eu queria ampliar meus horizontes, conhecer pessoas diferentes, aumentar meus conhecimentos, com uma graduação eu poderia, com mais maturidade, ingressar em outro curso depois de formada. Penso que se ingressa na faculdade muito jovem, imaturo e na maioria das vezes sem saber o que se quer da vida. E como previsto, conheci um novo mundo através dos livros, professores e pessoas com as quais convivi. Mas confesso que muito mais eu teria absorvido do curso se eu tivesse a maturidade que tenho hoje (9 anos já se passaram).

Em 2006, casei-me e comecei a trabalhar em uma academia de ginástica. Fiquei



409

encantada por aquele mundo *fitness*. Em 2008, concluí meu curso de graduação, e já engatei uma segunda graduação em Educação Física, em Goiânia. Depois de um ano na nova graduação, engravidei. Os quatro primeiros meses da minha gravidez foram terríveis. Se resumiram em ficar desidratada, ficar internada, voltar para casa, desidratar novamente e internar novamente por 4 meses. E sem condições de ir para outra cidade para estudar abandonei o curso. Também já não podia dar mais aulas de ginástica na academia. A partir do quinto mês de gravidez foi mais tranquilo e quando meu filho nasceu, decidi então parar de trabalhar para cuidar dele. Eu não tinha parentes por perto para me ajudar, e não quis delegar a educação e os cuidados com ele nos primeiros anos, mais especificamente os quatro primeiros anos.

Depois de quatro anos em casa cuidando do meu filho, comecei a questionar a importância da escola, afinal de contas logo eu confiaria meu filho à uma instituição de ensino e eu queria que fosse uma escola em que os professores fossem comprometidos com o ensino e que realmente fizessem diferença na vida dele. E logo surgiu um convite para que eu ministrasse aulas de Língua Inglesa em uma instituição particular, a mesma que eu tinha escolhido para colocar meu filho. Creio piamente que foi providência divina. Eu fiquei muito feliz com o convite, aceitei e logo me veio uma insegurança imensa. Eu estava há 4 anos sem estudar e a mesma eficiência e comprometimento que eu estava exigindo do quadro de professores como mãe, agora se aplicava a mim também como professora. Eu precisava ser a melhor profissional que eu poderia ser.

A inocência, o carinho, a pré-disposição nata para aprender de cada aluno que encontrei me pegaram de surpresa. Eu que estava acostumada a lidar com adolescentes do ensino médio, agora estava ali, lidando com crianças que choravam se levassem bronca, que enchiam os bolsos do meu jaleco com cartinhas recheadas de corações e declarações de carinho e que achavam que eu era tia delas. Percebi definitivamente que ensinar é muito mais do que transmitir conceitos pré-estabelecidos. Não bastava apenas ser competente em ensinar a Língua Inglesa, eu percebi que precisava de mais conhecimento, estudar e entender mais sobre a educação. O pacote que o educador deve compor vai muito além de apenas transmitir conteúdo, e isso não se aprende nos bancos da faculdade (Ou pelo menos ainda não). É uma longa jornada. “A transdisciplinaridade, como o prefixo *trans* indica, diz respeito àquilo que



410

está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e mais além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente”. (NICOLESCU, 1999, p. 53).

No final de 2015, comecei o curso de pós-graduação em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação, também pela Universidade Estadual de Goiás. Agora sim, me sinto um pouco mais preparada. Certa de que isso é só o começo, pois quando de fato você se entrega e se compromete em ser um educador, a busca pelo aprendizado e a sua própria resignificação são contínuas. Afinal de contas “O conhecimento é construído através da experiência” (Piaget, 1997).

Despertar para atitude transdisciplinar

No dia 27 de agosto de 2016, na aula de pós-graduação em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação, no eixo Docência Transdisciplinar⁴, o professor fez um comentário que provocou em mim um insight: “O conhecimento faz barulho”. O aluno de hoje não é ativo dentro do processo de ensino aprendizagem e pensar significa ação, é movimento e movimento faz barulho. Fiquei pensando sobre esse comentário por muito tempo. Se o conhecimento faz barulho, de quanto conhecimento eu privei meus alunos? Na busca por uma melhor forma de ensinar, por meio da disciplina e da ordem, algo mais precioso havia se perdido no processo, aquele conhecimento significativo que surge por meio da interação entre aluno – aluno, aluno – professor. O conhecimento gerado por meio da troca de experiências, havia se perdido. Então, percebi que precisava urgente mudar e melhorar a maneira como eu ensinava meus alunos. Acredito que foi a partir deste momento, desta aula, deste comentário do professor, que os conceitos da transdisciplinaridade começaram a fazer sentido para mim.

Comecei então, a questionar minha prática diariamente. O que eu poderia fazer de diferente para promover uma educação de qualidade e significativa para meus alunos mesmo sendo apenas a professora de Língua Inglesa? O primeiro passo foi colocar em prática algo que todos os professores no decorrer do programa de Pós Graduação ensinaram, colocar o

4



411

aluno na posição de protagonista, dar maior liberdade para que os alunos se expressassem e dialogassem acerca do assunto estudado no momento, pois o aluno deve ser sujeito da sua própria história.

Quando criança alguns de nós, ouviu inúmeras vezes: “Na hora da refeição fazemos silêncio”, e não foi diferente comigo. Inconscientemente esse ensinamento ficou em mim e se refletia na minha prática pedagógica. O que seria cômico se não fosse trágico, porque vários momentos importantes e felizes são construídos ao redor da mesa na hora da refeição. Ao redor da mesa de refeição construímos laços e melhoramos nossos relacionamentos. Mas por que estou falando sobre isso? Porque ao dar aulas de Língua Inglesa em uma turma de 2º ano do ensino fundamental 1, percebi que na hora do lanche, insistia em exaustivamente repetir o que aprendi quando criança: “Não conversem na hora da refeição”, “Hora da refeição é uma hora sagrada, façam silêncio”, isso dia após dia. Insistia em pedir ordem e silêncio no decorrer da aula propriamente dita também.

Acreditava que os alunos deveriam manter silêncio, para que por meio do livro didático eu pudesse falar, falar e falar. Mal sabia eu que estava repetindo o método da educação bancária, desconsiderando a subjetividade do aluno e assumindo o papel de detentora do saber, tentando apenas transmitir passivamente os conteúdos. Eu não havia percebido ainda que quando negamos o conhecimento do outro negamos o direito a própria cidadania. Então já exausta percebi que meus alunos estavam infelizes e eu também e comecei a me perguntar: “O que há de tão errado em conversar na hora da refeição, dialogar e trocar ideias durante a aula? Será mesmo que os alunos não tem nada a oferecer?”.

A realidade social está em transformação e o próprio momento de partilha, convivência, troca e interação do momento das refeições tem se perdido, em todos os momentos e lugares. Nessa geração *high tech*, cada um faz suas refeições conectados ao mundo virtual e desconectados do mundo real, plugados em seus *tablets*, *smartphones* e fones de ouvidos. As casas estão cheias de pais e filhos estranhos um do outro apesar de dividirem o mesmo teto. E se pudéssemos melhorar essa realidade, usando os momentos de hora do lanche nas escolas para proporcionar a essência da convivência que tem se perdido? Percebi que minhas práticas não atendiam a realidade daquela sala.

3.3 Cenário: a hora do lanche

O cenário aqui se refere aos momentos relacionados à hora do lanche, vivenciados por mim e por meus alunos e que foram cuidadosamente analisados a partir da reflexão sobre a minha própria prática na condução do momento da aula destinado ao lanche. Para isso, apresento, inicialmente, o meu relato sobre como se dava o período destinado ao lanche. Em seguida, apresento os relatos referentes a diferentes momentos do período do lanche, denominados Cenário, e as mudanças que ocorreram a partir das minhas intervenções.

Sempre foi assim...

Ao término das aulas de Língua Inglesa, às segundas e quartas-feiras, às 9:10, eu sempre recolhia os livros de inglês, pedia para que os alunos lavassem as mãos, arrumassem a mesinha para o lanche e fazíamos a oração: “Papai do céu, abençoa este lanchinho e dai a todos que não tem, em nome de Jesus. Amém”. Cantávamos a música: “Desce gatinho de cima do telhado, na hora do lanchinho é melhor ficar calado e sentado”. E, então, lanchávamos. Como a música de preparação para o lanche já mencionava, os alunos deveriam comer em silêncio e sentadinhos. Procedimento padrão de todas as turmas e na maioria das escolas atuais. Eram os 20 minutos mais longos de toda a manhã, tanto para mim quanto para eles. Os alunos ficavam inquietos tentando conversar e eu ficava tensa e frustrada pedindo silêncio, tentando mantê-los “sentados e calados”.

Decidi não pedir mais silêncio na hora do lanche. Então, ao invés de cantar a música do gatinho, eu deixava passando uma música que falasse do mesmo assunto trabalhado na aula daquele dia. Desta forma, iniciei uma mudança na rotina cuja descrição e análise, apresento a seguir:

Cenário 1

Recolhi os livros, pedi que lavassem as mãos, fizemos a oração de agradecimento e no lugar da música que estavam acostumados a cantar todos os dias, passei uma música que falava sobre os cumprimentos em inglês, assunto estudado aquele dia. Pedi a eles que enquanto comiam prestassem atenção na letra da música, pois nela continha palavras que havíamos estudado naquele dia. Os alunos ficaram meio desconfiados. No começo ficaram calados ouvindo a música, depois alguns começaram a cochichar, pois o estranhamento

é inevitável frente à mudança de paradigma.

Cenário 2

Depois que ouviram a música, conversavam sem parar, parecia um encontro de maritacas. Então, percebi que eles não podiam ficar “soltos”, pois não comiam direito. Confesso que o barulho e a “desordem” me incomodaram bastante. Esse momento não saiu como planejado, mas aprendi com os conceitos da transdisciplinaridade que o erro é a mola propulsora para o acerto.

Cenário 3

Dividi a turma em grupos de três alunos nos quais eles poderiam se juntar em mesas ou fazer círculos e sentarem no chão. Esse momento funcionou bem. Divididos em pequenos grupos, eles lancharam e compartilharam entre si o que tinham aprendido e como tinham aprendido. Parei para tentar entender o que se passava naquele emaranhado de vozes e gestos e senti um profundo pesar em ter privado meus alunos e a mim mesma de um momento de descontração, tão rico em trocas de experiências. Durante aqueles 20 minutos de lanche diário, eu pude presenciar uma “mini aula” de valores. Ali observando discretamente os alunos vi uma aluna tirar a dúvida de matemática da outra; vi um aluno dividir seu lanche com o colega cuja mãe tinha esquecido de colocar o lanche na mochila; vi também as semelhanças e afinidades formarem grupos. Meu antigo comportamento mantinha certa distância entre mim e meus alunos.

Cenário 4

No momento 4, eu tive certeza que estava no caminho certo. Repetindo o mesmo processo, percebi que aquele momento era a hora que os alunos trabalhavam os valores ensinados a eles diariamente: compartilhavam, dividiam, discordavam e se entendiam. A partir desse momento, eles não mais compartilhavam suas vivências só entre si, mas começaram a me incluir no processo. Os alunos começaram a dividir suas vivências comigo. Uma aluna chegou até a minha mesa e me contou que o pai tinha saído de casa. Perguntei como ela estava se sentindo, e ela respondeu que estava feliz, porque assim os pais não brigariam mais. Dei um abraço nela e ela voltou pulando de volta pro seu lugar para terminar de lancha. Depois de dois anos de docência naquela escola, finalmente me senti educadora, quando realmente comecei a fazer parte da vida dos alunos e os mesmos da minha. “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”. (FREIRE, 2004, p.42.)



414

As horas reservadas ao lanche foram marcadas por trocas de vivências, o que acabou se refletindo durante as aulas também e essa prática foi incentivada no curso de Pós Graduação, no qual os alunos se movimentam em prol de dois lanches coletivos por encontro de aula, com a finalidade de socializar e interagir, trocando experiências, compartilhando valores e convivendo com as diferenças. O que nem sempre funciona, pois em um grupo adulto o modelo de velhas práticas tende a se repetir e esse movimento necessita da interação e negociação entre os alunos, compartilhando a comida, dividindo a conta, programando quem deve levar as comidas e bebidas, o que na maioria das vezes gera discussão e desencontros. Não é fácil mudar o paradigma. Seria bem mais prático ir à lanchonete, lancher e retornar para a sala de aula. Porém, essa prática não exige uma atitude ativa do sujeito e não proporciona ganho pessoal entre as relações.

Ao dar mais liberdade aos meus alunos, ganhei em troca um vínculo com eles que carregarei para sempre comigo e me esforçarei para repetir em todas as salas de aula com as quais eu trabalhar. A educação é marcada por pessoas e processos, da mesma forma que nós também marcamos a vida dos nossos alunos no decorrer dos processos de aprendizagem.

Percebi que é necessário estarmos atentos a nossa mala, trocar coisas velhas e sem utilidade por coisas novas e guardar somente o que realmente vale a pena. Como professores muitas vezes nos esquecemos de como é ser aluno. O aluno não aciona o “modo aprender” e se despe de si ao entrar na escola. E quando ignoramos isso, deixamos de experimentar o conhecimento.

4 Considerações e indagações

O presente artigo teve por objetivos rever minha própria prática pedagógica, desenvolver novas formas de contextualizar a hora do lanche e apresentar os resultados que ilustrem essa mudança de paradigma. Ao percorrer esses objetivos, foi possível entender que o educador que não busca resignificar a si e a sua forma de ensinar, desperdiça a chance de promover e construir pessoas melhores. A partir desse repensar diário e da escuta sensível, a hora do lanche e as aulas de Língua Inglesa ganharam cor, espontaneidade, cumplicidade,



415

alegria, vínculo e significado. Não mais se tratou de ministrar conteúdos isolados, mas sim, conectar esses conteúdos a vida de cada aluno ali presente, para que esses conteúdos fizessem sentido de vida, e que as vivências compartilhadas nesse processo contribuíssem para o crescimento pessoal de cada um, contribuindo para a formação de cidadãos sensíveis a realidade do outro e a de si próprio.

Compreendi que o que muitas vezes chamamos de utopia está apenas a um passo de nós. Basta apenas se movimentar na direção certa. Quando mudamos e buscamos olhar as coisas de maneira diferente, transformamos a nossa realidade, as pessoas que nos cercam e a nós mesmos, seja com um novo olhar quanto à hora do lanche ou nossa postura como educadores, nossas práticas pedagógicas e tantas outras práticas em desuso que não refletimos sobre seu propósito, mas continuamos a repetir. A transdisciplinaridade me proporcionou um novo olhar em relação à educação e à vida.

Referências

- D' AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003.
- PETRAGLIA, Izabel. **Educação complexa para uma nova política de civilização**. Curitiba: UFPR, 2008.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva & Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- NICOLESCU, B. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- SILVA, V. R; FREITAS, C. C. de. Os sete saberes na sala de aula: resignificando práticas pedagógicas. In: SUANNO, M. V. R; FREITAS, C.C. de. **Razão sensível e complexidade na formação de professores: desafios transdisciplinares**. Anápolis: Editora UEG, 2016.